# No coração do latifúndio, trabalhadores celebram a terra e o herói indígena Sepé Tiaraju

Concentração de cerca de 12 mil pessoas ocorreu na Romaria da Terra, em São Gabriel, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

10 de fevereiro de 2016 19h39

# Relacionadas

[Romaria da Terra no RS celebra os 260 anos do martírio de Sepé Tiaraju](http://www.mst.org.br/2016/02/04/romaria-da-terra-no-rs-celebra-os-260-anos-do-martirio-de-sepe-tiaraju.html)

[4 de fevereiro de 2016 12h26](http://www.mst.org.br/2016/02/04/romaria-da-terra-no-rs-celebra-os-260-anos-do-martirio-de-sepe-tiaraju.html)

[Durante Romaria da Terra em Alagoas, Sem Terra lembram o assassinato de Jaelson Melquíades](http://www.mst.org.br/2015/11/30/durante-romaria-da-terra-em-alagoas-sem-terra-lembram-o-assassinato-de-jaelson-melquiades.html)

[30 de novembro de 2015 11h31](http://www.mst.org.br/2015/11/30/durante-romaria-da-terra-em-alagoas-sem-terra-lembram-o-assassinato-de-jaelson-melquiades.html)

[Romaria da Terra marca a luta pela permanência dos jovens no campo](http://www.mst.org.br/2015/02/19/romaria-da-terra-marca-a-luta-pela-permanencia-dos-jovens-no-campo.html)

[19 de fevereiro de 2015 19h19](http://www.mst.org.br/2015/02/19/romaria-da-terra-marca-a-luta-pela-permanencia-dos-jovens-no-campo.html)

[Em homenagem a Sepé Tiaraju, indígenas reafirmam sua força na luta pela terra](http://www.mst.org.br/2015/02/11/em-homenagem-a-sepe-tiaraju-indigenas-reafirmam-sua-forca-na-luta-pela-terra.html)

[11 de fevereiro de 2015 11h27](http://www.mst.org.br/2015/02/11/em-homenagem-a-sepe-tiaraju-indigenas-reafirmam-sua-forca-na-luta-pela-terra.html)

Foto: Leandro Molina

Por Catiana de MedeirosDa Página do MST

“Este é um momento de reflexão, oração e agradecimento por tudo o que a terra nos dá. É onde viemos buscar novas forças e renovar nossa fé para seguir produzindo e trabalhando no campo, porque a luta pela vida e a terra é diária e eterna”, explicou a assentada da reforma agrária Adriana de Almeida, 39 anos, enquanto acompanhava romeiros e romeiras na caminhada da 39ª Romaria da Terra.

O evento aconteceu na nesta terça-feira (9), em São Gabriel, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, região conhecia como o coração do latifúndio gaúcho, que tem em sua marca a monocultura de soja transgênica e o uso abusivo de agrotóxicos. Mas São Gabriel também tem histórias de luta e resistência: é onde as forças da segurança do Estado matou o Sem Terra Elton Brum da Silva, em 2009, durante reintegração de posse da Fazenda Southall. Hoje, o município conta com oito assentamentos e abriga 700 famílias Sem Terra que produzem arroz agroecológico e outros alimentos livres de venenos.

Foi em São Gabriel que também tombou o herói indígena Sepé Tiaraju e seus 1,5 mil companheiros que lutavam em defesa da terra, do seu povo e de uma vida pacífica em seu território. Esta edição da romaria, organizada pela Comissão da Pastoral da Terra (CPT-RS) com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Diocese de Bagé e Conselho Indigenista Missionário (Cimi), provocou a reflexão sobre os 260 anos do martírio, completados no dia 7 de fevereiro.

Na caminhada, cerca de 12 mil trabalhadores do campo e da cidade fizeram suas orações e acompanharam o legado deixado por Sepé e os indígenas massacrados. Ela iniciou na Sanga da Bica, no Centro da cidade, onde o herói foi morto, e encerrou no Parque Tradicionalista Municipal.

Foto: Leandro Molina

Durante o trajeto, ocorreram sete paradas em celebração às reduções jesuíticas: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio. Já no parque, romeiros e romeiras participaram de missa celebrada pelo bispo da Diocese de Bagé, Dom Gílio Felício.

Este ano a romaria teve como tema “Cuidar da Terra, Casa Comum”. Conforme Simonne Pegoraro, da coordenação da CPT-RS, além de lembrar o martírio de Sepé, o intuito foi refletir sobre a relação do homem com a terra e o meio ambiente diante da realidade de esgotamento, exploração e violência.

“Temos muito a aprender com os povos indígenas, quilombolas e camponeses, que têm em suas raízes o cuidado e a preservação da terra, e que não a vê como objeto de exploração, mas que se vê como parte dela”, argumentou Simonne.

Foto: Eduardo Teixeira

**Demarcação de terras indígenas**

Integrando a programação da romaria, entre os dias 5 e 9 de fevereiro, para celebrar a luta de Sepé Tiaraju e discutir a questão indígena no Brasil, cerca de 700 índios Guarani e Kaiowá do RS, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Argentina participaram do 10º Encontro do Povo Guarani.

Segundo o cacique Santiago Franco, da Aldeia Yuy Poty, localizada no município de Barra do Ribeiro (RS), o principal tema abordado foi a demarcação de terras no país, o qual corresponde hoje às mais importantes e urgentes bandeiras erguidas pelos indígenas.

“Nossa maior preocupação é com a demarcação do nosso território, que está paralisado por falta de atitude do governo. Nós vivemos com muitas dificuldades e queremos saúde, educação e que o governo reconheça nossa cultura e o direito que temos de viver como brasileiro e de termos liberdade”, disse Santiago.

Atualmente, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), existem 462 terras indígenas regularizadas, que representam cerca de 12,2% do território nacional. Dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 896,9 mil brasileiros se declaram ou se consideram indígenas.

Durante o encontro, foi construído um documento de reivindicações que será entregue à Funai, lideres governamentais do Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia – países onde há grande concentração de territórios Guaranis.

“Pedimos respeito e que possamos viver melhor. Estamos cada vez mais unidos porque o reconhecimento ao valor que nós temos é o nosso grande objetivo”, finalizou Santiago.

**Acampamento da Juventude**

Foto: Michele Côrrea

Ainda em comunhão às temáticas da Romaria da Terra, ocorreu de 7 a 9 de fevereiro, também em São Gabriel, o 11º Acampamento da Juventude. O Evento envolveu desde oficinas, com debates sobre questões de gênero, agroecologia, agitação e propaganda, entre outros temas, até atividades de integração dos jovens do campo e da cidade.

“A nossa juventude tem um vínculo com a terra, mas precisamos cuidar dela, da natureza, da nossa casa comum. E esse compromisso e responsabilidade não é apenas de quem está no campo, mas também dos jovens da cidade”, declarou Liciê Scolari, da coordenação do acampamento.

A juventude ainda acompanhou análise de conjuntura com o coordenador nacional do MST, João Pedro Stedile. Ele levou para o centro do debate as crises econômica, social, ambiental e política do país e motivou os jovens a continuarem a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

“Estamos semeando em terra fértil e tenho certeza que todos vocês vão se tornar militantes da classe trabalhadora, para que o povo, com consciência, possa seguir a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, assim como fez Sepé Tiaraju. Precisamos continuar essa batalha e eliminar todo o tipo de opressão e exclusão”, apontou Stedile.

ROMARIA DA TERRA DO RIO GRANDE DO SUL

Dia 09 de fevereiro

**CUIDAR DA TERRA, CASA COMUM**

**1º gesto simbólico:convidar atirar as sandálias** (tênis, sapato, chinelo..) *porque esse chão é sagrado.*

*Sagrado* porque essa terra é obra de Deus e dela temos que cuidar – a mãe-terra, a irmã-terra, a nossa casa comum tal como nos lembra o Papa Francisco em sua Encíclica ecológica.

*Sagrado* porque é solo de Sepé e de seu povo, patriarcas e matriarcas da fé de todos os gaúchos e gaúchas. Povo que continua a nos evangelizar com o seu modo de vida comunitário.

*Sagrado* porque é solo das primeiras Romarias da Terra do RS.

A terra é sagrada, é casa comum da diversidade dos povos e não mercadoria. Na criação, Deus fez a terra com toda a sua biodiversidade, “e Deus viu que tudo era muito bom” nos diz o livro do Gênesis (Gn 1, 31).

**2º gesto simbólico: convidar a ouvir a terra**

A terra é mãe, e mãe a gente tem que escutar. Diz a poesia “Lunar de Sepé”, de João Simões Lopes Neto:“(...) “Eram armas de Castela,Que vinham do mar de além; De Portugal também vinham, Dizendo, por nosso bem: *quem faz gemer a terra... Em nome da paz não vem*!” Vamos ouvir os clamores da terra e os clamores dos filhos da terra.

Diz Deus a Caim e a todos nós “Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim!” (Gn 4,10)

O sangue dos martirizados, as lágrimas dos sofredores e o suor dos explorados, que caem na terra, clamam por justiça divina.

Ouçamos os lamentos dos mártires populares, santificados pela religiosidade popular, que mesmo sem consulta à oficialidade da Igreja são reconhecidos como santos populares.(,,,)O povo sente cheiro de evangelho na vida dos desvalidos da história. O povo sabe das coisas,

e sabe que nesses santos e santas populares há aquela presença de Jesus Cristo “pedra rejeitada”)(Sl 118/117, 22; Mt 21,42). Contemplando os desprezado da história o povo descobre a presença de Deus neles (Dt 21,22-23; Gl 3,13); .

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos os lamentos dos crucificados-santificados na história de São Gabriel:

Ouçamos o choro do Negrinho da Sanga Funda – menino de 12 anos de idade, que no ano de 1908 foi assaltado, morto e degolado por um soldado desertor. Nele ouçamos todos os lamentos do povo negro deste Estado, que padeceu e continua a padecer em seu corpo os castigos aplicados ao Negrinho do Pastoreio e ao Negrinho da Sanga Funda;

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos as dores da Cigana Anita e de seu povo cigano, excluído e mal-visto, ela que faleceu em 1944 aqui em São Gabriel, mulher alegre e atenciosa com os doentes e anciãos, para quem o povo até os dias de hoje suplica e alcança graças.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos o som das balas injustas que mataram os dois Irmãozinhos Afuzilados, que no início da década de 1850 foram martirizados no quartel aqui de São Gabriel por descumprirem ordem militar, rebelando-se contra a injustiça na hora da distribuição da carne aos militares. Eles não eram irmãos de sangue, mas foram chamados de irmãozinhos porque eram irmãos na luta pela justiça.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos a algazarra das crianças que recebiam doces da Guapa, prostituta santificada pelo povo gabrielense. Ouçamos a felicidade dos pobres que recebiam da Irmãzinha Guapa dinheiro para comprarem seus remédios e alimentos.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos o tiro que matou o sem-terra Elton Brum da Silva, 44 anos, pai de dois filhos, vindo do interior de Canguçu, assassinado covardemente pelas costas com um tiro de escopeta calibre 12, não muito longe daqui.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ao Elton somemos os nossos mártires da terra: Margarida Alves, Chico Mendes, Adelaide Molinari,Pe. João Bosco, Irmã Dorothy Stang, Pe. Ezequiel Ramim (Rondônia), PeJosimo, o casal extrativista José Claudio Ribeiro e Maria do Espírito Santo, os indígenas Galdino Jesus dos Santos e XicãoXikuru, os gaúchos IariGrosseli, VitalinoAntonio Mori e Roseli Nunes (esses últimos três martirizados em Sarandi em 1987, acampados na Fazenda Anoni ). Ouçamos as batidas desses corações que ainda pulsam na luta do povo. Diz Jesus: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Eles e elas, que tiveram as suas vestes alvejadas pelo sangue do cordeiro (Ap 7,11) deram suas vidas pelos seus, por nós e pelos que virão. Deram a vida por um outro país sem a injustiça do latifúndio.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos o barulho dos corpos dos indígenas, dos negros escravizados, dos camponeses explorados, dos lutadores do povo que tombaram na terra.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos o último grito das espécies extintas, das árvores nativas desmatadas, da biodiversidade morta pelos venenos do agronegócio.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos o último tropel de Sepé Tiarajú e de seus 1500 lanceiros, os tiros dos canhões dos impérios de Espanha e Portugal e o barulho das balas das guerras do neoimperialismo econômico de nossos dias.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos a revolta da terra em ser tratada como mercadoria, a sua indignação ética em não aceitar ser reduzida a mera coisa que se compra e se vende, a sua santa ira contra o atual sistema econômico que pretende transformá-la em capital, a sua insurreição que se nega a aceitar que o verdor de seus campos e matas sejam profanados e transformados em verdes notas de dinheiro estrangeiro.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos os carros de carro do Faraó de ontem e dos faraós de hoje, mas também ouçamos os passos do povo em marcha por melhores dias, os seus cânticos de vida e de esperança, as suas palavras de ordem, a sua história contada em versos e lendas de geração em geração. Ouçamos os pandeiros e os passos dançantes de Míriam e das demais mulheres do êxodo bíblico. Ouçamos as poesias, músicas e trovas do Adão Pretto e demais artistas que animaram e animam as nossas Romarias da Terra.

(BATIDA DE TAMBOR)

Ouçamos a semente que no silêncio da terra germina, a vida que persiste em viver contra todo o projeto de morte, a palavra de Deus que reafirma que este mundo pode ser plenamente bom, pois este é o sonho originário de Deus: o Paraíso, a Terra Prometida, o Reino de Deus, a Terra Sem Males, o Outro Mundo Possível.

**3º gesto simbólico: Sepé Tiaraju: filho, líder e mártir desta terra. (estandarte de São Sepé)**

A mãe terra produz tudo o que necessitamos, produz inclusive irmãos e irmãs nossas de grande valor, lideranças do povo capazes de lutar contra os Faraós de ontem e de hoje, e assim nos ajudar no caminho da libertação, rumo à Terra Prometida, à Terra Sem Males, ao Reino de Deus, ao Paraíso, ao Outro Mundo Possível.

Um destes filhos da terra é o nosso conterrâneo São Sepé Tiaraju, já canonizado pelo senso de fé do povo gaúcho. O nosso Moisés gaúcho. O Libertador missioneiro. O patriarca de nossa fé. O juiz bíblico de nosso tribalismo. O mártir de uma luta justa e contrária a ofensiva injusta de dois impérios europeus, que unidos pretendiam massacrar o seu povo (PP 31). O facho de luz (Tiaraju) que nos aponta o caminho de como podemos e devemos ser cristãos nesses pagos sulinos.

Sepé não atacou ninguém, não fez guerra de conquista, apenas exerceu o direito legítimo de defender o seu povo. Tal como os juízes bíblicos, fez guerra de defesa. Nós também, queremos a terra e não a guerra.

Os interesses capitalistas encarnados na lança de Portugal e no tiro de Espanha mataram Sepé. Seu corpo foi plantado nessa terra e frutificou no Cruzeiro do Sul: Cruz de luz celeste que mantém acesa a chama da bravura deste povo que não aceita ser massacrado.

Sepé é símbolo de todos aqueles e de todas aquelas que deram a suas vidas para que o povo tivesse mais vida. Nestes 260 anos do martírio de São Sepé e seus companheiros muitos outros “Sepés” foram mortos pelos mesmos interesses econômicos.Sepé ressuscitou e continua ressuscitando, cada mártir da terra também foi ressuscitando na vida do povo que não se cansa de, teimosamente, lutar pela Terra Sem Males.

Hoje em dia São Sepé não é apenas o líder dos povos indígenas, mas é modelo de fé e militância para cada cristão e cristã sulina,

São Sepé é o modelo positivo a ser seguido pelos sem-terras,

São Sepé é o modelo para cada jovem que não aceita as injustiças,

São Sepé é o modelo para cada político verdadeiramente comprometido com o povo,

São Sepé é o modelo para cada liderança do povo afro-gaúcho,

São Sepé é o modelo de lutador em prol da ecologia – a casa comum,

São Sepé é o modelo das lideranças populares, do campo e da cidade,

São Sepé é o símbolo máximo de nosso Estado da opção preferencial pelos pobres e pelas culturas oprimidas.

Encontramos em Sepé Tiaraju a realização daquilo que ouvimos no Evangelho de São Mateus. Sepé não ficou apenas no discurso, foi homem de ação. A catequese jesuítica que ele recebeu não ficou apenas no plano teórico dos dogmas, mas, sobretudo, o levou à prática da justiça, o conduziu a viver como um novo Cristo no seu tempo. A doutrina recebida no catecismo em nenhum momento impossibilitou Sepé e seu povo de viver a prática cristã.

Sepé não ficou apenas falando “Senhor, Senhor”, mas lutou até as últimas consequências para demonstrar ao mundo que o Senhor desta terra é **Deus** e **não o capital**! O livro de Levítico diz que a terra pertence a Deus e por isso não pode ser tratada como mercadoria (Lv 25,23). E se Deus deu essa casa comum a todo o povo, se Ele fez a terra sem cercas, então ninguém tem o direito(..) de nos privar dela.

Deixemos que São Sepé e seu povo, que tão bem entenderam a palavra “comunidade”, nos ensinem a superarmos o vírus do egoísmo que faz com que pensemos no “eu” sem o “nós”. Que a pobreza e a generosidade dos caciques indígenas sirvam de exemplo de austeridade para todas as nossas lideranças políticas, sociais e religiosas.

Sepé Tiarajú reunia em si todas as características dos juízes bíblicos. O livro do êxodo diz (Ex 18,21) que um juiz deveria ser alguém: 1. Capaz; 2. Temente a Deus; 3. Seguro;e 4. Incorruptível.

1. Que nossas lideranças, como Gedeão, Débora, Moisés, Tiaraju... sejam capazes de liderar de forma descentralizada.

2. Que temam apenas a Deus e a ninguém mais.

3. Que formemos líderes seguros de sua missão justa e libertadora que jamais traiam o seu povo.

4. Por fim, que sejam lideranças vacinadas contra a corrupção, essa praga que corrói a nossa humanidade, essa ferrugem que leva à ruína os projetos libertadores e borra a imagem e a semelhança de Deus em nós.

Que os povos indígenas nos deem lições do bem viver para que possamos viver mais plenamente o sentido da expressão “casa comum”. Nada é superior ao direito à vida plena. Só a vida é sagrada e nada mais: sacralizar bens, dinheiro, propriedade privada, consumismo... é se colocar contra a vida, e portanto, colocar-se contra o próprio Deus.

**4º gesto simbólico: a comunidade. *(quem sabe convidar as pessoas a formarem grupos com pessoas que até então elas não conhecem).***

Uma das maiores lições que os povos indígenas têm a nos ensinar é essa: viver em comunidade, habitar a casa comum com os parentes, com todos os nossos irmãos e irmãs, a família grande.

O sistema hegemônico no qual a gente vive nos ensinou o egoísmo e não nos sentimos mais como pertencentes a um povo, a uma comunidade. Impera a lógica do cada um por si e “deus” contra todos, o“salve-se quem puder”. Nossas crianças e jovens são educados a pensarem somente em si sem pensarem nos outros, o “eu” antes do “nós”, o “eu” contra o “nós”.

Essa lógica é o agrotóxico que mata a comunidade. Esse discurso e essa prática poluem a nossa cabeça, o nosso coração e nossas mãos, inviabilizando que a gente viva como irmãos e irmãs na casa comum. A vida verdadeiramente humana e cristã são extintas, sobra apenas a barbárie cruel, desumana e infernal do anti-paraíso. É o dilúvio provocado pela nossa maldade, perversidade e corrupção (Gn6 ,5.12)

Contra essa doença social os povos indígenas têm muitos antídotos. Eis dois exemplos: Um Guarani e outro Kaigang.

Nas reduções jesuíticas o trabalho, os bens, a terra eram de uso comum. Os guaranis não gostavam de estar só e nem de serem mandados por ninguém. Por isso trabalhavam em mutirão de forma coletiva, bem ao estilo dos 200 anos em que o povo do Antigo Testamento viveu sob o sistema tribal. Ou ainda, bem ao estilo das primeiras comunidades cristãs, nas quais o povo “(...) era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” (At 4,32).

Os padres jesuítas, pressionados pela Europa para que promovessem a propriedade privada no meio indígena, distribuíram uma junta de bois e arado para que cada família indígena cultivasse a sua propriedade. O projeto não deu certo. Os guaranis mataram os bois, fizeram fogo com o arado, prepararam um churrascão e convidaram os demais para a festa. Na mentalidade dos guaranis era inconcebível que existisse algo “meu” que não estivesse a serviço da comunidade. Como ter um boi e um arado meu? E os outros? Como eu poderia colocar esse boi e esse arado a serviço dos outros? Simples: fazer um churrasco.

Outro exemplo, agora kaigang.

Quando a criança kaigang realiza a sua primeira caça, ela não deve comer o animal que caçou. Ela leva a caça para que a comunidade coma, mas ela não a come. Isso, segundo a sabedoria kaigang, lhe ajudará a não morrer logo e a envelhecer bem.

Que espetáculo de educação para a vida em comunidade, que exemplo de espírito evangélico, que vacina contra o egoísmo, que vitamina para o senso de coletividade! Cuidar primeiro na coletividade para somente depois pensar em si. Para o povo kaigang, bem como para os demais povos indígenas, é impossível que alguém seja feliz num povo de infelizes, que alguém seja livre num povo de escravos, que alguém que tenha uma boa vida num povo que vive mal.

**5º gesto simbólico: artesanato indígena (fios coloridos tramados – a ideia da teia)**

Um velho indígena Kaigang dizia aos seus filhos: Passem a mão na teia de aranha para aprender dela como tramar os fios. E eles aprenderam bem, vejam só que lindo cesto colorido feito de muitos fios. Assim como a vida está tramada nos seus diversos fios, vamos nós também aprendermos a tramar os fios dos diversos povos que formam o povo gaúcho para que, através de nossa diversidade, formemos um só povo de Deus.

Tramemos num mesmo cesto os fios dos povos indígenas com os fios das lutas das mulheres, com os fios das lutas do povo afrodescendente, com os fios das lutas dos sem-terras, com os fios das lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, com os fios das lutas dos pobres, com as lutas dos pequenos agricultores familiares e ecológicos, com as lutas da economia popular e solidária, com as lutas das verdadeiras cooperativas, com os fios das lutas dos atingidos por barragens, com os fios das lutas dos ecologistas, com os fios dos catadores, com os fios dos pescadores artesanais, com os fios dos sindicatos que defendem a classe trabalhadora, com os fios dos educadores populares, com os fios das lutas políticas contra a exclusão social, com os fios dos artistas e religiosos engajados na luta social, com os fios das lutas da juventude, enfim, com os fios das lutas de todos aqueles que sonham e trabalham para que esse mundo se torne no sonho originário de Deus: um paraíso, uma terra prometida, uma terra sem males, o outro mundo possível.

Precisamos ampliar o nosso conceito de comunidade e incorporar esses nossos irmãos e irmãs de cruz na grande comunidade da casa comum. A luta de um é luta de todos, a luta de todos é a luta de cada um. A derrota de um é a derrota de todos. A vitória de cada um é a nossa vitória.

Não devemos ser inimigos entre nós. Não devemos tolerar que no meio de um acampamento de sem-terra haja racismo, não devemos admitir que numa determinada comunidade de fé exista machismo, não podemos concordar que um ecologista ache que é possível superar a crise ambiental sem mudar o atual sistema econômico. O indígena precisa perceber que o seu inimigo é o latifundiário e a política governamental , não o pequeno produtor; o político eleito pelo povo deve perceber que o seu compromisso deve ser com o povo e não com a tal governabilidade, etc.

Todos nós estamos no mesmo barco, somos vítimas das mesmas injustiças. O mesmo sistema que está matando a matéria prima deste artesanato de fios tramados quer também matar a matéria prima de nossa união. Contra aqueles que querem nos impedir de tomarmos juntos o chimarrão de nossa unidade, devemos dizer que somente unidos poderemos cuidar bem da terra, a nossa casa comum.

Diz a Bíblia que, depois da construção do Projeto Tribal, modelo de sociedade alternativo ao sistema dos reis, muitos escravos fugiam dos senhores para se juntar ao povo que formou a Confederação das Tribos de Israel. “Muitos são hoje os servos que abandonam seus senhores” nos diz o primeiro livro de Samuel capítulo 25 versículo 10. Tal como os escravos fujões se dirigiam para o Quilombo, tal como os pobres se socorriam em Canudos, tal como os explorados do campo se juntam ao acampamento de sem-terra, tal como os indígenas se protegiam dos bandeirantes portugueses e os encomenderos espanhóis nas Reduções, assim também os escravos dos reinos cananeus e os escravos do Egito dirigiam-se às tribos de Israel.

E hoje, que comunidade de comunidades temos a oferecer a quem enfrenta e luta contra as mazelas provocadas pelo atual macrossistema? Que projeto de Município, Estado, País, Continente, Mundo temos a apresentar para os que sofrem? Que elementos de cada povo podemos aproveitar para construir um projeto que garanta a nossa unidade na diversidade?

No dizer das lendas indígenas, os mais fracos e pequenos conseguem ser mais fortes que os fortes e grandes. São muitas as histórias nas quais os grandes animais são vencidos por insetos. Quem não lembra da música “Povo unido será jamais será vencido”?: “uma só varinha é tão fácil de quebrar, mas ajunte muitas você pode até suar; é um exemplo da força da união”.

**6º gesto simbólico: Colocar em prática** (pedra grande, rocha, alicerce escrita “ouvir e praticar” – pode ser trazida do meio do povo para o altar, carregada por vários).

O Evangelho de hoje é profético. Ele denuncia a nossa hipocrisia de falarmos, rezarmos, teorizarmos e não agirmos. “Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos céus” (cf. Mt 7,21). E no versículo 23 faz uma declaração dura para quem não coloca em prática a Palavra de Deus: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”.

Essa palavra “iniquidade” só aparece no Evangelho de Mateus, os outros evangelhos não falam dela. É uma palavra de origem grega que significa “não-lei”, “anomia”. Com isso Mateus diz que Deus não quer junto de si aqueles que, com a sua prática, se colocam contra a lei divina. Essa mesma expressão aparece no salmo 6 versículo 9 para designar todos aqueles que oprimem o justo e provocam a sua morte.

Sabemos que os inimigos declarados dos pobres e das culturas oprimidas não estão dispostos a praticar a lei de Deus, que é a lei do cuidado com a vida. Porém, essa palavra também é dirigida a nós que nos dizemos defensores das lutas do povo. **Ouvimos a palavra de Deus e a colocamos em prática? A nossa prática testemunha aquilo que acreditamos?**

Depois de 39 Romarias da Terra, o Evangelho de Nosso Irmão Jesus Cristo segundo São Mateus pergunta**: Ouviram a Palavra de Deus?Colocaram em prática**? Classe dominante – como está a tua prática? Igrejas: Estão ouvindo e praticando o que Deus quer? Movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, ONGs, grupos populares: Como estão as suas práticas? Governos (federal, estaduais, municipais): O que as suas práticas dizem de seus discursos? Perguntas essas que servem para todos nós. Perguntas proféticas que cada grupo que veio até essa romaria da terra tem que se fazer.

**7º gesto simbólico: O papa latino-americano – Papa Francisco.**

Para concluir, acolhemos a vida, a prática e as palavras do Papa Francisco, o papa latino-americano, que nasceu, cresceu e atuou no mesmo continente de Sepé Tiaraju. O primeiro Papa da história que cresceu tomando o chimarrão dos guaranis. O primeiro jesuíta que se torna Papa, e como jesuíta, conhece a fundo a experiência Jesuítica-Guarani dos povos missioneiros. O Papa da simplicidade, da alegria, da paz, da Igreja em permanente romaria, o crítico do atual sistema macroeconômico, o companheiro dos movimentos sociais, o incansável defensor da ecologia, a nossa casa comum.

Citando o Papa Francisco e interpretando seu pensamento para nossa realidade, vamos repetir do fundo do nosso coração:

Nenhuma família sem teto Nenhum camponês sem terra

Nenhum indígena colonizado Nenhum negro massacrado

Nenhum pescador sem peixe Nenhum ar poluído

Nenhum religioso indiferente Nenhum solo envenenado

Nenhum político corrupto Nenhum governo aliado dos grandes

Nenhuma espécie extinta Nenhuma floresta desmatada

Nenhum rio contaminado Nenhum “eu” sem “nós”

Nenhum ser humano sem comunidade Nenhum doente sem saúde pública

Nenhum discurso transformador sem prática Nenhum bem público privatizado

Nenhum trabalhador sem direitos Nenhum povo sem soberania

Nenhuma dívida social do país Nenhum corte em investimento social

Nenhum transgênico Nenhuma guerra

Nenhum fanatismo religioso Nenhuma pessoa sem dignidade

Nenhuma criança sem infância Nenhum estudante sem escola

Nenhum jovem sem possibilidades Nenhuma mulher vítima do machismo

Nenhum idoso sem a venerada velhice Nenhum romeiro sem cuidado com a terra

Nenhum excluído da casa comum!

Concluindo:

Nossos pés descalços testemunham que pisamos esse chão sagrado (1º gesto).

Ouvimos desta terra os seus lamentos e os sofrimentos de suas filhas e filhos, explorados como ela (2º gesto).

Nos comprometemos com o projeto de seu filho ilustre, nosso santo-herói, Sepé Tiaraju (3º gesto).

Com ele e com o seu povo redescobrimos o valor evangélico de viver em comunidade (4º gesto).

Trançamos a nossa comunidade com outras comunidades de sofredores-lutadores, formando uma comunidade de comunidades (5º gesto).

Fomos provocados pelo Evangelho de Mateus para demonstramos a verdade do nosso discurso libertador na prática (6º gesto).

E acolhemos as palavras do papa gaúcho, jesuíta, latino-americano e companheiro dos que querem cuidar da terra, a casa comum (7º gesto).

Como os discípulos junto a Jesus, no monte da transfiguração, podemos dizer “Senhor, é bom estarmos aqui” (Mt 17, 4), e de fato “é muito bom estarmos aqui nessa Romaria”, mas o Senhor nos convida a descermos desse monte para no chão da vida, descer para as nossas lutas cotidianas, para atuarmos em nossos grupos e comunidades, atuarmos no cuidado com a terra, no cuidado para com a vida nesse único planeta que temos para viver.

CUIDAR DA TERRA, CASA COMUM!

Viva a Romaria da Terra!

**Romaria da Terra – Fevereiro de 2016.**

\*José Roberto de Oliveira

As Missões foram aldeamentos de indígenas fundadas pelos jesuítas nas áreas fronteiriças do MERCOSUL para assentar os guarani. Os missionários convidavam os indígenas, através de seus caciques, para que viessem morar nessas aldeias ou reduções. Tinham dois objetivos. Um era atrair os nativos para o cristianismo. O outro, dar segurança às populações guarani contra os escravagistas de São Paulo e encomendeiros espanhóis que vinham para “prear” índios e vendê-los como escravos. Os jesuítas lutaram muito contra essa prática desumana e sonhavam com uma República independente dos guarani. A localização das reduções obedecia a um plano estratégico, ficando uma não muito distante da outra, para facilitar a comunicação e a defesa conjunta.

No conjunto foram 30 reduções. A primeira foi em 1609 e duraram até a expulsão dos jesuítas em 1768. Na sua fase final ficaram 8 no Paraguai, 15 na Argentina e 7 no Brasil.

Por quase 160 anos estas reduções cresceram e se expandiram; os indígenas viviam felizes, autogovernados, sob a supervisão dos missionários, tirando seu sustento da criação de gado, da agricultura, da produção de erva-mate - exportada para a Europa - junto com couros e bens da indústria manufatureira em todas as áreas. As Missões criaram a base de um estado indígena, como mostra o livro de Clóvis Lugon, a “República Comunista cristã dos guaranis” (Paz e Terra, Rio, 1968). Mas num mundo dominado pela ganância dos ricos e pela competição entre os grandes, não havia lugar para utopias.

As Missões encantaram o mundo todo: Voltaire chamou-as de “triunfo da humanidade”; Montesquieu as chamou de “primeiro estado industrial da América” e Charlevo de “a realização ideal do cristianismo”. Paul Lafargue – genro de Marx e Kautski – precursor do socialismo chamaram as Missões de comunismo primitivo.

Os primeiros Jesuítas a entrarem onde hoje é o Rio Grande do Sul foram Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e que em conjunto com João de Castilho são os Três Santos Mártires das Missões. Em 1626 e naquele período fundaram, onde hoje é nosso Estado, 18 reduções que duraram até 1638 quando foram expulsos pelos Bandeirantes. Retornaram a partir de 1682 iniciando uma segunda fase, quando alcançaram grande desenvolvimento. A Guerra Guaranítica e a expulsão dos jesuítas em 1768 foram os grandes motivadores do término do projeto.

**Nesta primeira estação** vamos falar sobre a redução jesuítico-guarani de **São Nicolau**, a primeira a ser fundada em solo hoje pertencente ao Rio Grande do Sul, em 3 de maio de 1626, pelo Padre Roque Gonzales de Santa Cruz, na atual Cidade de São Nicolau, depois, em 1638 foi expulsa pelos Bandeirantes conjuntamente com outras 17 reduções. Após 49 anos do outro lado do rio Uruguai, no segundo ciclo missioneiro, transmigrou no ano de 1687. O Padre Anselmo de La Mata foi quem construiu a Igreja. Notabilizou-se por agrupar índios artistas, dos melhores das Missões, também eram considerados como exemplo de virtudes. Chegou a 8.000 índios.

O projeto que encantou toda a humanidade é reconhecido pela UNESCO e teve neste lugar onde estamos a sua mais triste página, pois a partir do Tratado de Madri os Reinos de Portugal e Espanha resolvem expulsar os guarani das suas terras, ocorrendo a Guerra Guaranítica. Tanto a morte de Sepé como a morte de 1500 dos principais guaranis, aqui neste chão, derramaram o sangue em nome do direito universal à terra.

Nesta estação queremos recontar a morte de Sepé Tiaraju, a partir do diário de guerra do Jesuíta responsável pelo relato dos fatos ocorridos naqueles tristes dias e que foram esquecidos pelo mundo português e espanhol. Diz Henis na página 85 que “Acometeu um numeroso esquadrão ao Capitão Sepé, a quem primeiro com uma lança e depois com uma pistola, mataram: jogaram o corpo já despojado de tudo e o queimaram com pólvora, mesmo que ainda estava respirando e o martirizaram de outras maneiras. Enterraram em uma vizinha selva, havendo buscado de noite os seus, com grande dor, à medida do amor que lhe tinham.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa segunda estação** é em homenagem a **São Luiz Gonzaga**. Fundado em 1687 pelo Padre Miguel Fernandez. Tem sua origem na migração do povo da redução de Conceição, hoje na Argentina. Chegou a 6.200 habitantes. Reconhece-se como local de nascimento de Sepé Tiaraju. É uma das grandes cidades da Região Missioneira, mostrando em seus museus e dentro da atual igreja um conjunto importante de imagens missioneiras.

Recontando a história das Missões na visão de Henis em seu relato da Guerra Guaranítica (1754 a 1756), na página 86, diz sobre a morte de Sepé Tiaraju: “Foi de admirar o quanto caíram de ânimo os índios com a morte tão intempestiva de seu capitão, em cujo valor, prudência e arte, tinham posto todas as suas esperanças”.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa terceira estação** é em homenagem a Redução Jesuítica-Guarani de **São Lourenço Mártir**. Fundada em 1690 pelo Padre Bernardo de La Vega. Originou-se do desmembramento da redução de Santa Maria Maior, que estava às margens do rio Uruguai, no lado direito. Sobressaiu-se nas artes, pois parte do povo havia sido partícipe da escola de artes do Irmão Luiz Berger, no povo de Santa Maria. Foi uma das reduções mais populosas dos Sete Povos.

Recontando a Batalha de Caiboaté, na visão do padre Henis, responsável pelo relato de guerra em nome dos jesuítas e guaranis, na página 87 informa: No dia 10 de fevereiro de 1756, formados em batalha os esquadrões marcharam contra os índios. Nicolau Nenguirú e Pascual – Alferes Real de São Miguel se acercaram das linhas inimigas para ver o que queriam – disseram que iam às Reduções – mandaram então a Fernando para que fosse aos generais inimigos ver o que fazer. Foi levado frente ao general espanhol e acertou que esperariam por 3 dias, pois buscaria os padres que estavam em um lugar a um dia e meio de distância. Assim que saiu – as forças inimigas se formaram em batalha e atacaram, rompendo a palavra de guerra empenhada – que sairia confronto após três dias. Este fato reconta completamente tudo que se disse a respeito de como ocorreu à morte dos 1.500 nativos aqui em Caiboaté, pois, em acreditar que não haveria batalha naquele dia os guaranis se desfizeram de seus cavalos e coisas de guerra, aguardando a vinda dos padres, quando foram inesperadamente traídos.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa quarta estação** é em homenagem a Redução jesuítica-guarani de **São João Batista**. Foi fundada em 1697 pelo Padre Antonio Sepp, da divisão da redução de São Miguel. Chegou a 5.200 habitantes em 1733. Pelas maravilhas que realizou Sepp foi reconhecido como o “Gênio das Missões”. A igreja foi toda construída com a pedra cupim, o itacuru, mesma pedra da qual Sepp retirou o ferro que fez a primeira siderurgia de aço e ferro da América. Hoje se pode ver o resto das paredes que compunham a redução e um pequeno museu efetivado a partir dos levantamentos arqueológicos realizados nos últimos anos. Em São João, Sepp, ex-Menino Cantor de Viena, produziu a Harpa Paraguaia, instrumento dos mais representativos da América Latina. O coral e a orquestra de Sepp eram compostos por mais de 1.000 índios.

Retornando a Batalha de Caiboaté, Henis, responsável pelo relato de guerra em nome dos jesuítas e guaranis e pároco de São Lourenço naquele período, diz a partir da quebra de palavra ocorrida pelos portugueses e espanhóis, na página 89 que: Não é de se admirar que os índios tenham sido vencidos, assim como não é gloriosa a vitória: 3.000 bem armados contra índios com arcos, flechas e lanças. Conta ainda que: Para ser mais cruel e feroz a guerra se encarniçaram e a tarde , pois, voltaram a dar lançassos em quase todos os mortos, porque se algum estivesse vivo era para morrer.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa quinta estação** é em homenagem a redução de **São Borja**, foi fundada pelo Pe. Francisco Garcia de Prada. São Borja foi inicialmente uma extensão da missão de São Tomé, de onde saíram os primeiros 195 habitantes para fundar a nova aldeia. Em 1732, São Borja já contava com 4.000 habitantes. Contou com a presença do Irmão José Brazanelli o mais famoso escultor missioneiro. Esta redução além dos Guaranis, também contava com índios Charruas.

Sobre a territorialidade missioneira dos anos 1700 é importante entender que boa parte do atual Rio Grande do Sul era área ocupada pelos guaranis em suas estâncias de gado. Por exemplo, onde hoje é Quarai e Barra do Quarai, desde o Ibicuí era Estância de Japeju. Entre o rio Ibiripuitã e o Santa Maria estavam às estâncias de Conceição, Santa Maria Maior e Santo Ângelo, Entre o Rio Santa Maria, o rio Jacuí estava à grande estância de São Miguel. Entre o Jacuí e o rio Taquari estava à estância de São Luiz Gonzaga. Entre o Camaquã e o Jacuí estava a estância de São Lourenço. Havia ainda as estâncias comunais da Vacaria, que pegava todos os campos de cima da Serra até Bom Jesus e Ausentes, além da Vacaria do Mar pegando toda a área lindeira à Lagoa dos Patos e Mirim. Isto tudo leva a concluir que praticamente todo o atual Rio Grande do Sul era missioneiro, bom motivo que levou aos tratados que terminaram com o projeto.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa sexta estação** é em homenagem a Redução de **Santo Ângelo Custódio**: Fundada em 1706 onde hoje está o município de Entre-Ijuís e no ano seguinte 1707 colocou-se definitivamente no local onde conhecemos que é a cidade atual de Santo Ângelo. A redução nasceu a partir da divisão do Povo de Conceição – hoje Argentina – pelo Padre Diogo Haze. Foi o Povo que mais se notabilizou na produção da erva mate, pois estava mais perto dos grandes ervais, em meio à floresta missioneira, ao noroeste da redução. Hoje pode ser visitada a sua Catedral, no mesmo local da antiga redução, e os seus museus. Santo Ângelo chegou a cerca de 5.500 habitantes. Atualmente há levantamentos arqueológicos que mostram uma série de elementos arquitetônicos do período reducional e que está à disposição dos visitantes através de janelas arqueológicas.

Sobre a batalha ocorrida neste local, Melià, um dos principais escritores vivos diz que: “bom resultado da educação entre os guaranis foi a Guerra Guaranítica, onde o povo decide por sua própria vontade lutar pela sua terra”. Os índios receberam a ordem de abandonar suas terras, entregando-as a novos donos, os portugueses. Sepé  mandou dizer ao Rei da Espanha: “Esta terra tem dono.” Sepé Tiarajú liderou a revolta dos indígenas, que acabaram sendo massacrados pelo exército luso-espanhol de Gomes Freire de Andrade (hoje patrono da arma de Ciência e Tecnologia do Exército Brasileiro). São Sepé, herói da resistência indígena, continua vivo no imaginário popular rio-grandense.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Nossa sétima estação** é em homenagem a Redução de **São Miguel Arcanjo**, redução detentora da estância de gado onde agora estamos. Transmigrou em 1687 para o local onde hoje está o Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, havia sido fundada em 1632, na primeira fase pelo Padre Cristóvão de Mendoza – o introdutor do gado no território gaúcho, em outro local, próximo à atual cidade de São Martinho, no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Essa redução se distinguiu entre os Sete Povos, não só administrativamente, mas também pela extraordinária rigidez do traçado desenhado pelo Arquiteto Italiano Jean Batista Primolli. Trabalharam diariamente durante 10 anos (1735 a 1745) cerca de 100 operários índios. Mede 73 metros de comprimento por 27 de largura, tendo os muros três metros de espessura. A igreja era de três naves, com cinco altares. Toda de telhas douradas e as paredes brancas. A torre com seu galo de estanho dourado estava no ponto mais alto da região. Distinguiu-se também nas questões militares, pois é dessa redução que sai Sepé Tiaraju para comandar a Guerra Guaranítica. São Miguel chegou a cerca de 7.000 habitantes. Tornou-se Patrimônio Nacional no ano de 1938 e Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade no ano de 1983.

Voltando ao nosso herói Sepé Tiaraju, comandante das forças nativas contra as forças européias - portuguesas e espanholas que retiraram a terra dos povos nativos, é importante relembrar que hoje a figura de Sepé é oficialmente reconhecida como herói do Estado do Rio Grande do Sul pela lei 5516 de 2005 e herói da pátria brasileira pela lei federal 12.032 de 21.9.2009.

No dia 10 de novembro de 2015 com apoio de importantes lideranças da América Latina a Igreja recebeu o pedido de canonização do herói nativo – agora aguardamos em oração que nossas autoridades eclesiais remetam ao Vaticano a POSTULAÇÃO de reconhecimento de santidade de Sepé Tiaraju - com o título de “Servo de Deus” - para que sigam os ritos oficiais e possamos ter o mais breve possível nas mãos do povo pobre do Brasil e países vizinhos o “São Sepé” – a bem da verdade já canonizado pelo povo e agora a caminho do reconhecimento pela Igreja, como diz o principal líder da canonização, o Irmão Antônio Cechin.

\*Pesquisador sobre a história missioneira, Mestre em Desenvolvimento, Especialista em Administração e Engenheiro. Escritor do livro “Pedido de Perdão ao Triunfo da Humanidade – A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani”.

**VIA-SACRA MISSIONEIRA**

**EM MEMÓRIA DE SÃO SEPÉ TIARAJU E OS SEUS MILHARES DE COMPANHEIROS ÍNDIOS MARTIRIZADOS**

*Esta Via Sacra foi elaborada por Dom Tomás Balduíno, presidente do CIMI, para a ROMARIA DA TERRA* ***do “Ano dos Mártires Indígenas da América Latina (1978)”.*** *Essa foi a primeira Romaria da Terra do Brasil que, depois, se espalhou por todo o território nacional. Aconteceu na cidade de São Gabriel, nos próprios lugares em que tombaram São Sepé Tiaraju (Sanga da Bica, Batovi) e seus 1500 companheiros guaranis (Caiboaté), mártires da luta pela Terra.*

**Introdução Explicativa da Via Sacra Missioneira**

Trata-se de celebrar em 1978, a abertura do **Ano dos Mártires** em Caiboaté, no local mesmo em que se deu o martírio do índio Sepé Tiaraju e seus 1.500 companheiros, às mãos ferozes dos invasores brancos.

Quem será o grande público desta celebração? Peões de estância, trabalhadores rurais e operários, além de algum índio remanescente da chacina secular. É o nosso bom povo cristão. São os oprimidos de ontem e de hoje.

Ao longo dos séculos, esse nosso povo sofredor sempre andou muito ligado à paixão e morte de Cristo, cognominado carinhosamente de Senhor Morto ou Senhor do Bom Fim. É que, na verdade, os oprimidos são aqueles que no dia-a-dia “completam na própria carne o que falta à Paixão e Morte do Senhor Jesus,” na feliz expressão de São Paulo.

A pastoral popular, criação do povo para o povo, teceu ao longo dos séculos a Via-Sacra, capitulada pela Igreja oficial entre os “Pia exercitia” *(exercícios de devoção),* por não ser considerada litúrgica em seu sentido estrito. Negativo? Bem pelo contrário. Com isso liberta das malhas do canonismo e dá margem a grande criatividade.

A Via-Sacra pois, como aliás outras devoções populares, presta-se admiravelmente para preparar ou complementar liturgias. Não raro, aquelas são mais evangelizadoras que estas. E foi o que se pensou para Caiboaté: uma Via-Sacra Missioneira como rito introdutório à missa, em memória de São Sepé e dos índios mártires dos Sete Povos das Missões.

**Quais são os ingredientes da Via-Sacra Missioneira?**

A MATRACA E O CARRILHÃO: Necessita-se de um instrumento para dar o toque de reunir, dar o sinal de partida e de parada, no trajeto de uma Estação a outra. Para isso, a matraca, instrumento de protesto pela morte de Cristo e de protesto pela morte dos índios cristãos. Com a matraca dar-se-á pois, um tom quaresmal à procissão, que se realizará na véspera da quarta-feira de cinzas.

Nas duas últimas estações, em que fazemos memória da Ressurreição e Pentecostes de Cristo e dos índios, aposentada a matraca, os sinais serão dados pelo carrilhão, instrumento pascal e de alegria.

**AS LEITURAS PARA MEDITAÇÃO**

Mártir cristão, é aquele que imitou mais à risca o Cristo, dando a maior prova de amor: a vida em favor dos irmãos. Na Via-Sacra popular, temos sempre o sofrimento e morte dos cristãos de hoje, cotejados com sofrimentos e morte de Cristo ontem.

No Caiboaté, presentes os índios de hoje *(na procissão os pobres índios carregarão a cruz processional)* escutaremos sempre duas leituras:

* uma referente à morte de Sepé e de seus companheiros
* uma referente à Paixão e morte de Jesus Cristo *(passagem análoga).*

**SETE ESTAÇÕES**: Foram sete os povos guaranis chacinados no Rio Grande do Sul. Daí a Via-Sacra em sete estações, em memória de cada um dos Sete Povos: São Nicolau, São Luís, São Lourenço, São João, São Borja, Santo Ângelo e São Miguel.

**AS LADAINHAS E OS CANTOS**: Nas devoções populares, nunca faltam cantos e ladainhas. As cartas ânuas e o diário demarcatório dos exércitos invasores falam que aí, em Caiboaté, os índios haviam marchado para a frente de batalha, carregando consigo as estátuas dos santos protetores, pois acreditavam mais na força dos intercessores, que no poder de suas armas. Não raro, à noite, soldados portugueses e espanhóis escalavam árvores, para escutar ao longe, os índios cantando seus cânticos sacros e rezando suas ladainhas.

Três são as ladainhas de nossa Via-Sacra: a de Nossa Senhora Libertadora, a dos Santos Padroeiros dos índios e a ladainha Penitencial.

Na caminhada de uma estação a outra, alternaremos um canto com uma ladainha.

--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**ROTEIRO**

**Fala inicial de Dom Tomás Balduíno:**

Nós não vamos realizar aqui, uma operação de demagogia, nem de pura promoção de alguém que nós colocaríamos no altar por nossa conta.

Realmente estamos celebrando alguém que está com Deus e o celebramos na condição de mártir.

Meus irmãos, essa cerimônia aqui, vai se assemelhar àquela dos primeiros cristãos, quando celebravam seus mártires. Como filhos de Deus, como membros da Igreja, nós consideramos São Sepé ao lado dos Santos que estão com Deus. É por isso que o celebramos aqui nessa Caminhada. Ele é para nós alguém que, como diz o Cristo, se sentará com Ele, junto com Abraão, Isac e Jacó, para julgar os vivos e os mortos. É alguém que se associou na sua vida a Deus, a Cristo, aos seus irmãos, pelo batismo. E a sua morte significa o dom completo de sua vida a Deus e aos irmãos. Esta celebração terá um caráter penitencial e pascal. Nós vamos fazer uma Via-Sacra que vai conhecer as diversas Estações (paradas), como a Via-Sacra de Cristo, de julgamento e condenação, de morte, mas que termina na Ressurreição. Vamos ter os cantos que celebram a Cruz, e os cantos que celebram Aleluia. E vamos fazer isso, irmãos, iniciando agora, em nome da Igreja Missionária, o Ano dos Mártires, de Sepé e seus companheiros. E vamos fazer todos, o Sinal da Cruz, esse sinal que foi o sinal do nosso irmão, que deu a vida pelos seus irmãos. Vamos todos juntos fazer este Sinal da Cruz, como marco inicial dessas Celebrações que vão continuar pelo ano todo.

**Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.**

Canto **“SÃO SEPÉ TIARAJU”**

Nas missões dos Sete Povos nasceu um dia Sepé

Trazendo uma cruz na testa, cicatriz, sinal da fé

Quando o sol batia nele, esta cruz resplandecia

Por isso lhe deram o nome “Tiaraju, a luz do dia” (bis)

Quando o exército de Espanha e Portugal chegou aqui

Pra expulsar dos Sete Povos toda a gente guarani

Tiaraju, que era prefeito, reuniu os seus guerreiros

E sem medo dos canhões, atacou só com lanceiros (bis)

Tiaraju morreu peleando no arroio Caiboaté

Mas depois, noutro combate, todos viram São Sepé

Que vinha morrer de novo, junto à gente guarani

Pra embeber seu sangue todo, neste chão onde eu nasci (bis)

Mais um valente guerreiro a morrer pelo seu pago.

É por isso que o seu nome pro Rio Grande é sagrado.

São Sepé subiu pro céu, sua cruz ficou no azul.

Cai a noite, ela rebrilha, ele é o Cruzeiro do Sul (bis)

**Sepé Tiaraju!... Sepé Tiaraju!... Sepé Tiaraju!...**

**Leitura do Livro do Gênesis, cap. 4:**

“Caim disse a Abel, seu irmão: “Vamos ao campo”.

Logo que chegaram ao campo, Caim atirou-se sobre seu irmão e o matouº

O Senhor disse a Caim: “Onde está teu irmão Abel?”

Caim respondeu: “Não sei! Sou porventura eu, o guarda do meu irmão?”!

O Senhor disse-lhe: “Que fizeste?! Eis que a voz do sangue de teu irmão clama por mim desde a terra. Doravante serás maldito e expulso da terra, que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue de teu irmão. Quando a cultivares, ela te negará os seus frutos e tu serás peregrino e errante sobre a terra.”

**Fala de Dom Tomás Balduíno:**

Caim precipita-se sobre Abel, por causa da ganância, e o mata.

A história da morte de Tiaraju é a continuação dessa história de Caim, e esta morte não terminou. Caim continua vivo e os povos indígenas continuam morrendo. Esta terra que nós estamos pisando é sagrada, porque ela bebeu o sangue de um cristão, que foi assassinado por outro cristão, que se dizia cristão, que em nome da civilização de Poratugal ou da Espanha, acharam que deveriam chacinar todos os índios e ocupar as suas terras. O mesmo motivo continua hoje, para inúmeros brancos contra os índios e a mesma paixão continua, desses índios.

Vamos celebrar esta paixão, não com o pensamento pessimista de que Sepé está para sempre sepultado, mas sabendo que ele está com Cristo e que a sua causa, a sua luta, não é uma causa perdida. Aquele que devia morrer é justamente aquele que vive. Assim como a causa de Jesus adquiria vida com a sua morte, assim é a causa dos povos indígenas, que é a mesma causa dos lavradores, dos posseiros, dos peões, dos operários, dos marginalizados. É uma causa que continua viva e ela deve ser a nossa causa. Não podemos ser Igreja que esquece dos seus Santos e dos seus Mártires. Uma Igreja que se envergonha daqueles que são a imagem de Cristo e qu, sendo solidários na vida, foram solidários até na morte, como Sepé, seus companheiros e todos os índios sacrificados.

Vamos hoje recuperar esta dívida e este atraso, começando este Ano dos Mártires. Vamos caminhar como deve caminhar a Igreja, escutando a história que procurou ser sepultada. Aqui está o momento que celebra talvez a dominação e uma história toda que promove os falsos heróis sanguinários. Ao passo que Sepé, os índios, os negros, aqueles que foram marginalizados por nossa sociedade, representam como que o Antigo Testamento, que hoje se ilumina pela presença de Cristo no meio de nós.

Irmãos, nesta caminhada, nós vamos, como eu dizia há pouco, fazer um Ato Penitencial. Vamos cantar esses hinos que, todos eles, são cantos de libertação, de morte e de vida. Vamos invocar os Santos e entre os Santos, de modo especial a Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa. Em forma de ladainha, que todo o povo das Missões, os índios que aqui morreram, costumavam cantar todas as noites. Porque eles iam para as suas frentes de batalha com o andor de São Miguel, pisando o dragão, o opressor, e a Virgem Maria, aquela em quem eles colocavam a sua esperança, como uma estrela que indicava o caminho.

Pois bem, eu queria lembrar a vocês que nesta ladainha de Nossa Senhora, nós tiramos partido, sobretudo do canto do Magnificat. Então, vamos ver na Nossa Senhora, mulher forte, uma pessoa que se associa à luta de Cristo pela libertação do mundo. Não uma pessoa fraquinha, bonitinha, rosadinha. Mas alguém que aspira com o seu povo, a derrubada dos tronos dos poderosos e a elevação dos humildes. Aspira que os famintos sejam saciados e os ricos sejam despedidos de mãos vazias. Eu acredito com os irmãos, sendo cristão e lendo o Evangelho, que ninguém vai se escandalizar dessas palavras de Nossa Senhora e que estão no Evangelho de São Lucas.

Então, irmãos, nós vamos proceder a esta Celebração. São sete Estações. Cada Estação, celebrando um dos Sete Povos e em cada Estação, uma Cena que vai desde a Condenação de Cristo e ao mesmo tempo condenação dos indígenas, até a sua Morte e Ressurreição. De Cristo e dos Povos Indígenas

**1ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do **povo de São Nicolau.**

* O plano de morte contra os índios dos Sete Povos
* O plano de morte contra Jesus Cristo

Canto**: BENDITA E LOUVADA SEJA**

**Bendita e louvada seja, no céu, a Divina Luz**

**E nós também, cá na terra, louvemos a Santa Cruz**

**V**em vindo o sinal de glória,

Brilhou sobre nós a cruz

Na qual foi o autor da vida

Pregado, o Senhor Jesus

Ó árvore bela e fúlgida,

Do Sangue de Cristo ornada

De os santos membros tocar

Só tu digna foste achada

Ó cruz feliz cujos braços

Do mundo o preço ergueu

Balança tu és do corpo

Que duro inferno venceu.

Louvor a ti, ó Trindade,

À qual toda carne vem,

Aos que na cruz tu salvaste

Concede a vitória. Amém.

**TRATADO DE MADRI**

Estabelecido em 1750 pelos reis de Espanha e Portugal, para acabar com os Sete Povos das Missões.

Artigo 16 – Das povoações ou aldeias que cede Sua Majestade Católica, na margem oriental do Uruguai, sairão os missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios para aldear em outras terras. Dessa forma se entregarão à Coroa de Portugal as sete cidades com todas as suas casas, igrejas e edifícios e a propriedade e posse do terreno.

**EVANGELHO segundo São João, cap. 11**

“Muitos judeus que tinham ido visitar Maria, viram o que Jezus fez e creram nele. Mas alguns voltaram e contaram aos fariseus o que Ele havia feito. Então os fariseus e os chefes dos sacerdotes se reuniram com o Conselho Superior, e disseram:

“Que é que vamos fazer? Este homem está fazendo milagres! Se deixarmos que ele continue assim, todos vão acreditar nele. Então as autoridades romanas vão agir contra nós, e destruir o templo e o nosso país.

Daquele dia em diante, os líderes judeus fizeram planos para matar Jesus.

**2ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do **povo de São Luís.**

* Os Sete Povos se fazem presentes ao Governador de Buenos Aires através de cartas.
* Jesus diante do presidente dos sacerdotes.

**Ladainha de Nossa Senhora**

Deus, nosso Pai, tende piedade de nós. /R: Tende piedade de nós

Jesus Cristo, nosso irmão, tende piedade de nós. /R.

Espírito Santo, Deus de amor, tende piedade de nós. /R.

Santa Maria, Mãe de Deus. /R – Rogai por nós

Mãe de Jesus Cristo e Mãe nossa

Mãe do Salvador e Libertador

Mãe, cumpridora fiel da palavra de Deus

Mãe, espelho de verdade e de justiça

Mãe que acumula de bens os famintos e despede os ricos sem nada

Mãe que destrona os poderosos e eleva os humildes

Mãe dos pobres e oprimidos

Mãe dos povos indígenas

Mãe do Povo de Deus

Rainha dos Anjos e Mensageiros e defensores

Rainha dos patriarcas, pais da nossa fé

Rainha dos profetas reveladores de Deus

Rainha dos Apóstolos, colunas da Igreja

Rainha dos Mártires, testemunhas de Cristo

Rainha de todos os santos

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado. /R. Tende piedade de nós

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado

**Carta do Povo de São Luís ao Governador de Buenos Aires**

“São Luís, 18 de julho de 1753”

Senhor Governador:

Tua carta nos entristeceu muito.

Já tentamos duas vezes mudar-nos e perdemos todos os nossos bens, porque já não há mais terra que não tenha dono, para onde a gente ir.

Não queremos a guerra, mas se houver, dizemos aos nossos: Preparem-se para ela, componhamos bem as armas, busquemos nossos parentes, que nos hão de ajudar, e confiando em Jesus Cristo nosso ajudador dizemos: Salvemos nossas vidas, nossa terra e nossos bens todos, porque não nos convém que com a mudança, fiquemos pobres e afligidos em vão, nem que nos percamos em vão por estes campos, pelos rios e água, e por esses montes.

Esta é a terra onde nascemos e nos criamos e nos batizamos, nós, nossas mulheres e nossos filhos pequenos e assim só aqui gostamos de morrer. Este é o nosso pensamento

**Evangelho segundo São João, cap. 18**

O presidente dos sacerdotes fez perguntas a Jesus a respeito dos seus seguidores e dos seus ensinos. Então Jesus respondeu:

“Eu sempre falei publicamente a todos. Costumava ensinar no templo e nas casas de oração, onde o povo se reúne e nunca disse nada em segredo. Então, por que essas perguntas? Pergunte aos que me ouviram, pois eles sabem muito bem o que eu disse.

Quando Jesus falou isto, um dos guardas que estavam ali, deu-lhe uma bofetada e disse:

“É assim que você fala com o presidente dos sacerdotes?”

“Se eu disse alguma mentira, prove que menti!” respondeu Jesus. “Mas se falei a verdade, por quê é que você me bate?”

**3ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do **Povo de São Lourenço**

* Sepé diante do General Gomes Freire de Andrade
* Jesus diante do governador Pilatos

Canto**: SANTA MARIA DOS CAMINHOS**

Pelas estradas da vida

Nunca sozinho estás

Contigo pelo caminho

Santa Maria vai

**Ó vem conosco, vem caminhar**

**Santa Maria vem** (bis)

Mesmo que digam os homens

Que nada podes mudar

Luta por um mundo novo

De unidade e paz

Se pelo mundo os homens

Sem conhecer-se vão

Não negues a tua mão

A quem te encontrar

Se parecer inútil tua vida

Inútil teu caminhar

Pensa que abres caminho

Outros te seguirão

**Leitura da vida de São Sepé**

(Sepé diante do General Gomes de Andrade)

“Beija a mão de teu senhor!” brada um oficial para o índio.

Sepé encara de frente o militar e responde:

“Por que hei de beijar a mão de teu general? Sou eu ou ele o dono desta terra? Dize ao teu general que eu não beijo a mão de outro homem.”

Gomes Freire de Andrade chega até o prisioneiro e grita ao intérprete:

“Dize a este índio que ele é simplesmente um bárbaro!”

Sepé ouve o insulto e responde:

“Dize ao teu general que ele é mais bárbaro do que eu. Eu defendo aa minha terra e a minha gente. Ele pretende violar a liberdade destes povos par nos tornar escravos.”

Gomes Freire esbraveja e ameaça:

“Cala-te selvagem! Trago propósitos de paz. Venho cumprir ordens do meu rei e no entanto, ainda te ofereço clemência!”

“Senhor – responde Sepé – estas terras têm dono. Nós as recebemos de Deus e São Miguel. Só eles nos podem deserdar!”

**Evangelho segundo São João, cap. 19**

Jesus saiu com a coroa de espinhos na cabeça e vestido com a capa vermelha.

“Vejam! Aqui está o homem!” disse Pilatos.

Quando os chefes dos sacerdotes e os guardas viram Jesus, começaram a gritar:

“Crucifique!... Crucifique!...”

Pilatos entrou outra vez no palácio e perguntou a Jesus:

“De onde você é?”

Mas Jesus não respondeu nada. Então Pilatos disse:

“Você não quer responder? Lembre-se de que eu tenho autoridade para soltá-lo e mandar crucificá-lo”.

“O senhor só tem autoridade sobre mim porque ela lhe foi dada por Deus” respondeu Jesus.

**4ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do **Povo de São João**

* A morte de Sepé e de seus 1.500 companheiros
* A crucificação e a morte de Jesus

**Ladainha dos Santos**

Deus, nosso Pai, tende piedade de nós! R: Tende...

Jesus Cristo, nosso irmão, tende piedade de nós

Espírito Santo, Deus do amor, tende piedade de nós

Santa Maria, Mãe de Deus

Mãe de Jesus Cristo e Mãe nossa

Santos Anjos e Arcanjos

Santos patriarcas e profetas

Santos apóstolos e evangelistas

Santos doutores e confessores

Santos adultos e inocentes

Todos os santos e santas de Deus

Santos protetores dos povos indígenas

Santo Ângelo, nosso companheiro e defensor

São João Batista, precursor do Senhor

São Nicolau, vigilante pastor da Igreja

São Lourenço, mártir do Evangelho

São Luís, intrépido defensor da fé

São Borja, consagrado ao Senhor e aos irmãos

São Miguel, vencedor do dragão opressor

Mártires missioneiros Roque, Afonso e João

Mártires indígenas São Sepé e seus companheiros

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado. R/ Tende piedade de nós

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado

Cordeiro de Deus que libertais o mundo do pecado

**Leitura da vida de São Sepé**

(A morte de Sepé e de seus 1500 companheiros)

No dia 7 de fevereiro de 1756, o comandante espanhol perseguia os índios, primeiro com 300 homens, depois com mais 500. Chegados perto de um capão, aconteceu de se virem apenas em número de 20. Defronte deles estava Sepé com alguns índios. Travou-se o combate corpo a corpo.

De repente, na corrida, o cavalo de Sepé falseia o pé num buraco, projetando-o ao chão. Um cavaleiro português aproveitou para golpeá-lo com a lança. Sepé, ferido, tentava levantar-se, quando recebeu um tiro de pistola, desferido à queima roupa, pelo comandante espanhol Viana. O tiro lhe esfacelou a cabeça. O grande chefe guarani era assim assassinado ao mesmo tempo por Espanha e Portugal.

Três dias depois, a 10 de fevereiro, os 1500 índios companheiros de Sepé que acabavam de fazer seus cânticos e rezar suas ladainhas, junto às imagens dos santos, que haviam carregado consigo para a frente de guerra, são chacinados na coxilha de Caiboaté, na grande batalha contra os exércitos invasores.

**Evangelho segundo São João, cap. 19**

Jesus saiu carregando a sua cruz para o lugar chamado Calvário. Ali o crucificaram.

Depois os soldados pegaram as roupas dele e dividiram em quaro partes, uma para cada um.

Jesus falou:

“Tenho sede”.

Estava ali uma vasilha cheia de vinho barato. Molharam nela uma esponja, puseram numa vara e a levaram à boca de Jesus. Quando ele tomou o vinho, disse:

“Tudo está consumado!”

Então baixou a cabeça e morreu.

**5ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do povo de São Borja

* O enterro de Sepé e de seus companheiros
* O enterro de Jesus

Canto**: O POVO SE LIBERTARÁ**

**Nossa alegria é saber que um dia**

**Todo esse povo se libertará**

**Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo,**

**Nossa esperança realizará**

Jesus manda libertar os pobres

E ser cristão é ser libertador

Nascemos livres para crescer na vida

Não pra ser pobres nem viver na dor

Vendo no mundo tanta coisa errada

A gente pensa em desanimar

Mas quem tem fé sabe que está com Cristo,

Tem esperança e força pra lutar.

Não diga nunca que Deus é culpado

Quando na vida o sofrimento vem

Vamos lutar que o sofrimento passa

Pois Jesus Cristo já sofreu também

Libertação se alcança no trabalho,

Mas há dois modos de se trabalhar:

Há quem trabalha escravo do dinheiro,

Há quem procura o mundo melhorar.

E pouco a pouco o tempo vai passando,

A gente espera a libertação.

Se a gente luta ela vai chegando,

Se a gente pára ela não chega não.

**Leitura da vida de São Sepé**

(O enterro de Sepé e de seus companheiros)

Os soldados invasores atiraram o corpo de Sepé no mato que margeia o rio. Retiraram antes de cima dele duas cartas amarelecidas pelo uso. Eram cartas de estímulo à luta, que seus irmãos índios lhe haviam mandado. Falavam-lhe das orações que todos faziam por ele e por todos, principalmente as crianças inocentes.

À noite do dia 7 de fevereiro, voltaram os índios que o acompanharam para dar sepultura ao cadáver. Cavaram junto ao rio uma sepultura e “o enterraram com a dor correspondente ao amor que lhe devotavam, celebrando suas exéquias com hinos e cânticos que acostuma a Igreja, embora sem assistência de sacerdotes.” Invocaram-no imediatamente como santo protetor que está junto de Deus. Ao rio próximo deram o nome de rio São Sepé

Desde aquela cerimônia, os guaranis ficaram convencidos de que Sepé “ressuscita sempre de novo nas lutas do povo”.

Depois do dia 10, os índios que chegam, vendo o campo semeado de seus parentes mortos, prorromperam em choro e gemidos.

Dom Miguel Maíra, substituto de Sepé na chefia do povo de São Miguel, faz erguer sobre o campo, a 4 de março, uma grande cruz que os índios haviam feito. Nela se lia esta inscrição:

“Ano de 1756. – A 7 de fevereiro morreu o Corregedor José Tiaraju em uma batalha que houve em dia de sábado. A 10 do mesmo, em uma terça, houve uma grande batalha em que morreram, neste lugar, 1500 índios, pertencentes aos nove povos do Uruguai. A 4 de março mandou D. Miguel Maíra fazer essa cruz pelos soldados índios”.

**Evangelho segundo são João, cap. 20**

José, que era seguidor de Jesus, pediu licença a Pilatos para levar o corpo de Jesus. Nicodemos também foi com José. Os dois pegaram o corpo de Jesus e o enrolaram em lençóis perfumados com mistura de aloés e mirra. Os judeus costumavam fazer isso para enterrar os seus mortos.

No lugar onde Jesus tinha sido crucificado, havia um jardim com um túmulo novo onde ninguém ainda tinha sido colocado. Puseram ali o corpo de Jesus, porque o túmulo ficava perto, e também porque ia começar o sábado dos judeus.

**6ª ESTAÇÃO**

Em memória dos índios mártires do **povo de Santo Ângelo**

* A glorificação de Sepé e dos companheiros das Missões
* O túmulo vazio e a ressurreição de Jesus

**Ladainha Penitencial**

Senhor, tende piedade de nós R/ Senhor tende piedade de nós

Cristo, tende piedade de nós R/ Cristo tende piedade de nós

Senhor, tende piedade de nós R/ Senhor, tende piedade de nós

A vós, que sois de Justiça e Misericórdia, vos pedimos perdão

R/ Perdão, Senhor, perdão!

Porque vos ofendemos e ofendemos nossos irmãos mais fracos, vos pedimos perdão

Pelo nosso orgulho e por nossos preconceitos contra os índios

Pelo nosso desconhecimento dos seus valores culturais e religiosos

Pela nossa indiferença para com seus sofrimentos

Pela nossa catequese junto aos índios, que favoreceu o colonizador

Por termos considerado o índio um obstáculo ao desenvolvimento

Pela nossa negação de liberdade aos índios

Por nunca lhes termos dado a palavra...

Por termos reduzido os povos indígenas à condição de tutelados nossos

Por não termos indenizado os índios pelas terras que lhes tiramos

Pela contínua espoliação do índio em seu patrimônio

Pela destruição da língua e da cultura dos povos indígenas

Por estes 500 anos de matança dos índios

Pela chacina dos Sete Povos Guaranis

Pelo martírio de Sepé Tiaraju, símbolo do martírio dos povos indígenas

Pelo esquecimento da história dos índios, história da nossa Igreja

Pela promoção dos falsos heróis sanguinários e gananciosos

Senhor, tende piedade de nós R/ Senhor tende piedade de nós

Cristo, tende piedade de nós R/ Cristo tende piedade de nós

Senhor, tende piedade de nós R/ Senhor, tende piedade de nós

Jogral texto:  *O LUNAR DE SEPÉ*

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem**!

**1 A -** Mandaram por serra acima

Espantar os corações;

Que os Reis Vizinhos queriam

Acabar com as Missões,

Entre espadas e mosquetes,

Entre lanças e canhões!...

**1 B -** Cheiravam as brancas flores

Sobre os verdes laranjais;

Trabalhava-se na folha

Que vem dos altos ervais;

Comia-se das lavouras

De mandioca e milharais.

**1 C** - Ninguém a vida roubava

Do semelhante cristão,

Nem a pobreza existia

Que chorasse pelo pão;

Jesus Cristo era contente

E dava sua benção...

**1 D** -Por que vinha aquele mal,

Se o pecado não havia!...

O tributo se pagava

Se o vizo-rei o pedia,

E, até sangue se mandava

Na gente moça que ia...

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem!...**

**2 A** - Os padres da encomenda

Faziam sua missão:

Batizando as criancinhas,

E casando, por união,

Os que juntavam os corpos

Por força do coração...

**2 B** - Do sangue dum grão-Cacique

Nasceu um dia um menino,

Trazendo um lunar na testa,

Que era bem pequenino:

Mas era um cruzeiro feito

Como um emblema divino!...

**2 C** - E aprendeu as letras feitas

Pelos padres, na escritura;

E tinha por penitência,

Que a sua própria figura

De dia, era igual às outras...

E diferente, em noite escura!...

**2 D** - Diferente em noite escura,

Pelo lunar do seu rosto,

Que se tornava visível

Apenas o sol era posto;

Assim era - Tiarajú -,

Chamado - Sepé -, por gôsto.

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além,**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem!**

**3 A** - Cresceu em sabedoria

E mando dos povos seus;

Os padres o instruíram,

Para o serviço de Deus

E conhecer a defesa

Contra os males dos ateus...

**3 B** - Era moço e vigoroso,

E mui valente guerreiro;

Sabia mandar manobras

Ou no campo ou no terreiro;

E na cruzada dos perigos

Sempre andava de primeiro.

**3 C** - Das brutas escaramuças,

As artes e artimanhas

Foi o grande Languiru

Que lh’ensinou; e as façanhas,

De enredar o inimigo

Com o saber das aranhas...

**3 D** - E, tudo isto, aprendia;

E tudo já melhorava,

Sepé Tiaraju, chefe

Que os Sete Povos mandava,

Escutado pelos padres,

Que cada qual consultava.

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem!...**

**4 A** *-* E quando a guerra chegou

Por ordem dos reis de além,

O lunar do moço Índio

Brilhou de dia também,

Para que os povos vissem

Que Deus lhe queria bem...

**4 B** - Era a lomba da defesa,

Nas coxilhas de Ibagé,

Cacique muito matreiro

Que nunca mudou de fé:

Cavalo deu a ninguém...

E a ninguém deixou de a pé...

**4 C** - Lançaram-se cavaleiros

E infantes, com partazanas,

Contra os Tapes defensores

Do seu pomar e cabanas;

A mortandade batia,

Como ceifa de espadanas...

**4 D** - Couraças duras, de ferro,

Davam abrigo à vida

Dos muitos, que, assim fiados,

Cercavam um só na lida!...

Um só, que de flecha e arco,

Entra na luta perdida...

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem.**

**5 A** - Os mosquetes estrondeiam

Sobre a gente ignorada,

Que, acima do seu espanto,

Tem a vida decepada...:

E colubrinas maiores

Fazem maior matinada!...

**5 B** - Dócil gente, não receia

As iras de Portugal:

Porque nunca houve lembrança

De haver-lhe feito algum mal:

Nunca manchara seu teto...;

Nunca comera seu sal!...

**5 C** - Esperava tal furor;

Pois sendo seu soberano,

Respeitara seu senhor;

Já lhe dera e ouro e sangue,

E primazia e honor!...

**5 D** - A dor entrava nas carnes...,

Na alma, a negra tristeza

Dos guerreiros de Tiaraju,

Que pelejavam defesa,

Porque o lunar divino

Mandava aquela proeza...

*Refrão:* **Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham,**

**Dizendo, por nosso bem:**

**Mas quem faz gemer a terra...**

**Em nome da paz não vem!**

**6 A** - E já rodavam ginetes

Sobre os corpos dos infantes

Das Sete Santas Missões,

Que pareciam gigantes!...

Na peleja tão sozinhos...

Na morte tão confiantes!...

**6 B** - Mas, o lunar de Sepé

Era o rastro procurado

Pelos vassalos dos Reis,

Que o haviam condenado:...

Ficando o povo, vencido...

E seu haver... conquistado!

**6 C** - Então, Sepé, foi erguido

Pela mão do Deus-Senhor,

Que lhe marcara na testa

O sinal do seu penhor!...

O corpo ficou na terra...

A alma, subiu em flor!...

**6 D** - E subindo para as nuvens,

Mandou aos povos - benção!

Que mandava o Deus-Senhor

Por meio do seu clarão...

E o lunar da sua testa

TOMOU NO CÉU POSIÇÃO...

**Eram armas de Castela**

**Que vinham do mar de além;**

**De Portugal também vinham:**

**Dizendo, por nosso bem...**

**Sepé-Tiaraju ficou santo**

**Amém! Amém! Amém!**

**Evangelho segundo São João, cap. 20**

Domingo bem cedo, quando ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao túmulo e viu que a pedra que tapava a entrada tinha sido retirada.

Então Pedro e o outro discípulo foram ao túmulo. Eles ainda não tinham entendido as Sagradas Escrituras, que dizem que era preciso que Jesus ressuscitasse.

**7ª ESTAÇÃO**

**Em memória dos índios mártires do Povo de São Miguel**

* Sepé continua presente nos povos indígenas
* Jesus ressuscitado presente no mundo através dos cristãos

*Canto:*

**Vitória, tu reinarás**

**Ó Cruz, tu nos salvarás!**

Brilhando sobre o mundo

Que vive sem tua luz

Tu és um sol fecundo

De amor e de paz, ó cruz

Aumenta a confiança

Do pobre e do pecador

Confirma nossa esperança

Na marcha para o Senhor

À sombra dos teus braços

A Igreja viverá

Por ti, no eterno abraço

O Pai nos acolherá

**Proclamação da 8ª Assembléia de Chefes Indígenas nas Ruínas de São Miguel, em abril de 1977:**

“O dia 22 de abril de 1500 foi o começo da expansão da civilização ocidental e o começo do fim das sociedades indígenas.”

“Os índios são povos livres que há milhares de anos vivem nestas terras. Não podemos aceitar que outro povo decida os caminhos que devemos trilhar.”

“A Igreja, por muitos anos, manteve-se no silêncio ante a destruição dos povos indígenas.”

“Nós, povos indígenas, não nos omitimos de nossa responsabilidade de procurarmos, num esforço único, ao lado daqueles que do fundo do coração se interessam por solucionar os nossos problemas e atingir nossos anseios como povos.”

“Queremos oferecer um pouco de nossos valores a essa sociedade que está despida dos valores espirituais e humanos.”

**Atos dos Apóstolos, cap. 2**

Então Pedro se levantou, no dia de Pentecostes, junto com os onze apóstolos, e em voz bem alta, começou a falar à multidão:

“Meus amigos judeus, e todos vocês que moram em Jerusalém, prestem atenção e escutem o que vou dizer:

Como sabem muito bem, Deus, por meio de Jesus, fez entre vocês milagres, maravilhas e coisas extraordinárias. Deus, por sua própria vontade e sabedoria, resolveu entregar-lhes Jesus. E vocês mesmos o mataram por mãos de homens maus, que o crucificaram. Mas Deus ressuscitou Jesus, livrando-o do poder da morte, pois não era possível que ele fosse dominado por ela.

Canto final: **Hino a São Sepé Tiaraju**